

1 **AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE UMA INSTITUIÇÃO**
2 **DE ENSINO SUPERIOR DE CERES-GO**

3
4 *ACADEMICS SELF MEDICATION AT INSTITUTION OF HIGHER*
5 *EDUCATION FROM CERES-GO*

6
7 **Debora Alves Antunes**

8 Acadêmica do curso de Farmácia, Faculdade Evangélica de Ceres – GO, Brasil.

9 debora.alvesantunes@hotmail.com

10
11 **Rodrigo Resende Ferreira**

12 Acadêmico do curso de Farmácia, Faculdade Evangélica de Ceres – GO, Brasil.

13 rodrigoresende19@gmail.com

14
15 **Kellen Rosa da Cruz**

16 Mestre em Ciências Biológicas, docente da Faculdade Evangélica de Ceres – GO,
17 Brasil.

18
19 **Endereço para correspondência:**

20 Av. Brasil, S/N, Qd. 13, Morada Verde; Ceres-GO

21 CEP: 76300-000

22 Fone/Fax: (62) 3323- 1040

23 e-mail: kellenfarm_1@outlook.com

24
25
26
27
28
29
30
31
32

RESUMO

INTRODUÇÃO: A automedicação é definida como o uso de medicamentos sem orientação médica ou farmacêutica, sendo o próprio paciente quem decide qual medicamento irá usar para tratar ou aliviar sintomas. **OBJETIVO:** Avaliar a prática de automedicação em acadêmicos de cursos da área da saúde e de outras áreas.

METODOLOGIA: Foi realizada uma pesquisa de campo de caráter quantitativo. A pesquisa foi realizada no mês de Setembro de 2017 com 303 alunos dos cursos de Farmácia, Enfermagem, Biomedicina, Fisioterapia, Administração e Engenharia Civil. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário objetivo de múltipla escolha com sete perguntas que foi respondido durante as aulas. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Dos 303 alunos entrevistados 300 alunos (99%) praticam a automedicação, 62,05 % correspondem ao gênero feminino e 37,95 % ao gênero masculino. Os motivos que levam os participantes a se automedicarem, dor de cabeça foi reportada como a principal causa da automedicação (79 %), seguida de gripes ou resfriados (72%) e infecções/inflamações de garganta (66%). Quando comparado o conhecimento entre os alunos da área da saúde e de outras áreas em média 49 % dos alunos da área da saúde apresentou ter maior conhecimento sobre os medicamentos comparado aos alunos dos cursos de outras áreas. **CONCLUSÃO:** Os resultados encontrados comprovam a importância do estudo da automedicação, pelo qual pode ser observado que essa prática é frequente entre os universitários, não estando limitada aos estudantes da saúde.

Palavras-chave: Automedicação; universitários; uso de medicamentos.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Self-medication is defined as the use of medicines without medical or pharmaceutical guidance, and the patient himself decides which medication to use to treat or alleviate symptoms, regardless of prescription or prior consultation of a qualified professional. **AIMS:** The objective of this study was to evaluate the practice of self-medication in academics of courses in health and other areas in a higher education institution in Ceres-GO. **METHODOLOGY:** A quantitative field research was carried out. The research was carried out in September 2017 with 303 students of the courses of Pharmacy, Nursing, Biomedicine, Physiotherapy, Administration and Civil Engineering. For data collection, a questionnaire with seven questions was used that was answered during the classes. **RESULTS AND DISCUSSION:** Of the 303 students interviewed, 300 students (99%) practiced self-medication, 62.05% corresponded to the female gender and 37.95% to the male gender. The reasons that most lead participants to self-medicate, headache was reported as the main cause of self-medication (79%), followed by colds or flu (72%) and throat infections / inflammations (66%). When comparing the knowledge among the students of the health area and other areas, on average 49% of the students in the health area presented a greater knowledge about the medicines compared to the students of the courses of other areas. **CONCLUSION:** The results show the importance of the study of self-medication, which can be observed that this practice is frequent among university students, not limited to health students.

Keywords: Self-medication; university students; drug use.

1 INTRODUÇÃO

2
3 Os medicamentos são de grande importância na sociedade, com grande
4 responsabilidade em salvar vidas, ocupando um papel importante no sistema de
5 saúde e quando consumidos de maneira correta podem tornar-se um recurso
6 indispensável para o controle de doenças crônicas como diabetes e hipertensão
7 (SOUSA; OLIVEIRA; LEITE, 2016).

8 A automedicação é definida como o uso de medicamentos sem orientação
9 médica ou farmacêutica, sendo o próprio paciente quem decide qual medicamento
10 irá usar para tratar ou aliviar sintomas, independente de prescrição ou consulta
11 prévia de um profissional habilitado. Esse conceito reflete que a população sempre
12 buscou nos medicamentos uma solução milagrosa para tratar seus males, sejam
13 doenças, frustrações, insucessos, infelicidades entre outros, tendo assim o
14 medicamento como grande salvador e isso contribui para um maior consumo de
15 medicamentos e uso irracional dos mesmos (RIOS et al., 2014).

16 A automedicação não é uma ocorrência específica da atualidade, sendo uma
17 das mais antigas dificuldades da saúde pública (FORTES; CHAVES, 2015).
18 Avaliando a quantidade de medicamentos que é consumido, podemos certificar que
19 na atual sociedade o medicamento abrange uma presença clara e constante na vida
20 da população (MOTANARI, et al., 2014). Mais de 50% de todos os fármacos são
21 prescritos, dispensados e vendidos de forma errada e mais de 50% da população não
22 consome de modo correto, particularmente nos países em desenvolvimento, o que
23 explica a enorme preocupação com a qualidade de vida da população brasileira
24 (FORTES; CHAVES, 2015).

25 A automedicação se relaciona com fatores econômicos, grau de instrução e
26 acesso ao sistema público de saúde. O tempo de espera no sistema único de saúde
27 (SUS) é um fator que leva à desistência na procura pelo atendimento público,
28 favorecendo a automedicação (RIOS, et al., 2014). Além disso, a ampla variedade
29 de produtos farmacêuticos associados à divulgação imprudente, à deficiência da
30 assistência à saúde, à dificuldade de acesso aos serviços de saúde pública, bem
31 como, a facilidade de obtenção de informação digital sobre o medicamento e nos
32 balcões de farmácia, a angústia promovida pelos sintomas ou doenças, a falta de
33 programas educativos e orientação efetiva sobre os perigos inerentes à

1 automedicação são alguns dos motivos que facilitam essa prática (MOTANARI, et
2 al., 2014; ALBUQUERQUE, et al.,2015).

3 De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas
4 (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de brasileiros são adeptos à automedicação, e
5 todo ano cerca de 20 mil pessoas morrem no país, vítimas dessa prática
6 (MOTANARI, et al., 2014).

7 No âmbito comunitário, a automedicação consciente pode poupar recursos
8 nos casos de tratamento para as menores enfermidades, bem como diminuir
9 ausências no trabalho em virtude dos pequenos sintomas. Porém essa prática possui
10 riscos distintos, apesar de constituir importante forma de autocuidado na população.
11 A utilização de medicamento sem prescrição pode acarretar graves consequências à
12 saúde como: efeitos adversos, dependência, intoxicação, sintomas mascarados,
13 desenvolvimento de resistência bacteriana no caso de antibióticos e aumento do
14 risco para neoplasias (DOMINGUES, et al., 2017; SOUSA, OLIVEIRA e LEITE,
15 2016; SANTOS et al., 2013).

16 Segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas
17 (SINITOX), os medicamentos estão em destaque entre os agentes mais tóxicos
18 utilizados, na frente dos agrotóxicos de uso agrícola e caseiro, domissanitários,
19 acidentes com animais peçonhentos e drogas de abuso, conceituados como, qualquer
20 substância que altera, aumenta, inibe ou reforça as funções fisiológicas, psicológicas
21 ou imunológicas do organismo de maneira precária ou definitiva (ALVES,
22 MALAFAIA, 2014). Em 2013, o último levantamento realizado pelo SINITOX, a
23 quantidade de casos de intoxicação causada por medicamentos foi igual a 28,77%
24 (33.179 casos).

25 Albuquerque e colaboradores (2015) verificaram maior consumo de
26 medicamentos entre os mais escolarizados e isso ocorre, provavelmente, por estes
27 possuírem um maior nível de conhecimento e informação, que os auxilia na escolha
28 de medicamentos por sentirem maior confiança para esta prática. Entre estudantes
29 da área da saúde, a automedicação pode se tornar maior pelo fato desses alunos
30 terem maior conhecimento sobre medicamentos e também por experiências
31 anteriores (MOTANARI, et al., 2014).

1 Nesse sentido a avaliação da prática da automedicação entre universitários de
2 cursos da área da saúde, se torna imprescindível, verificando também em cursos de
3 outras áreas.

4 Portanto o objetivo desse trabalho foi avaliar a prática de automedicação em
5 acadêmicos de cursos da área da saúde e de outras áreas em uma instituição de
6 ensino superior (IES) da cidade de Ceres-GO.

7 8 **METODOLOGIA**

9
10 Foi realizada uma pesquisa de campo de caráter quantitativo, no mês de Setembro
11 de 2017 na Faculdade Evangélica de Ceres-GO com 303 alunos dos cursos de Farmácia,
12 Enfermagem, Biomedicina, Fisioterapia, Administração e Engenharia Civil. Foram
13 avaliados os hábitos de automedicação dos alunos, o uso e conhecimento deles sobre os
14 medicamentos, se buscam orientação antes de usá-los e com quem. Identificando o(s)
15 motivo(s) pelo(s) qual(is) realizam essa prática, a classe de medicamento que apresenta
16 maior frequência de uso e, também, em qual curso e período o índice da automedicação
17 é maior.

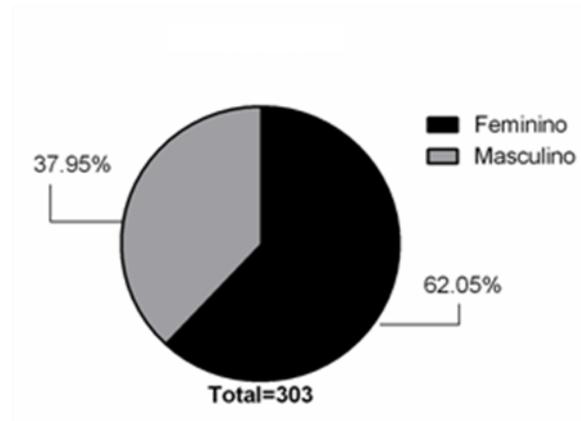
18 Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com sete perguntas que foi
19 respondido durante as aulas. Os dados foram levantados por meio das respostas obtidas
20 no questionário e os resultados foram expressos em gráficos e tabelas.

21 Foram avaliados os questionários respondidos por estudantes matriculados na
22 IES, que afirmarem praticar ou já ter praticado a automedicação, e que concordaram em
23 participar da pesquisa e assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e
24 Esclarecido) e alunos que já tiveram a disciplina de farmacologia. Alunos matriculados
25 no último período de cada curso não participaram desta pesquisa. Foram
26 desconsiderados os questionários respondidos por estudantes que afirmaram não
27 praticar ou nunca ter praticado a automedicação e nem os questionários respondidos por
28 alunos menores de 18 anos.

29 30 **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

31

1 Responderam ao questionário 303 acadêmicos. Quanto ao gênero (Figura 1),
2 62.05 % correspondem ao gênero feminino e 37,95 % ao gênero masculino. Percebe-se
3 que a maioria dos entrevistados é do gênero feminino. Medeiros (2013) realizou uma
4 pesquisa onde a prevalência foi maior no gênero masculino, observando-se 53,7 % e
5 46,7 % no gênero feminino. Já em estudo realizado por TOMASINE e colaboradores
6 (2016) a maioria dos participantes correspondem ao gênero feminino (68,4%). Esses
7 dados refletem uma diversidade dos gêneros nas universidades.



8

9 **Figura 1:** Distribuição de gênero entre os participantes.

10

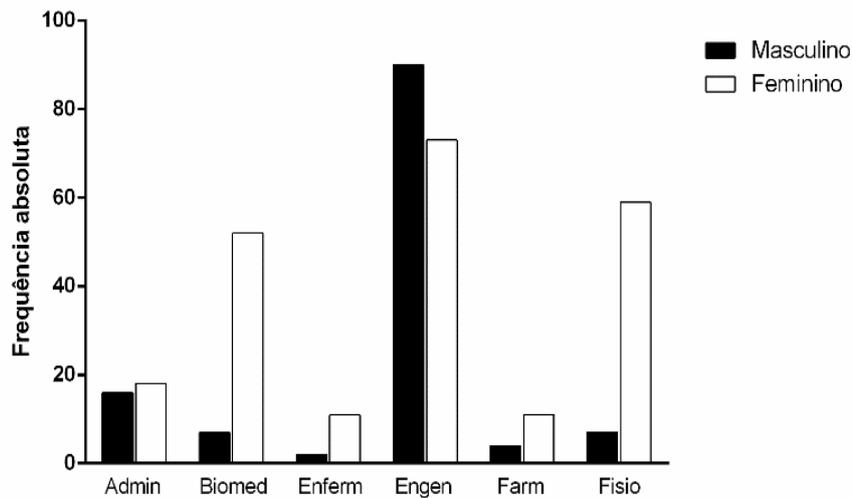
11 Quando analisado o gênero em cada curso (Figura 2) os resultados foram
12 apresentados em frequência absoluta dos dados. No curso de administração 20 alunos
13 são do gênero feminino e 18 do gênero masculino, no curso de biomedicina 60 alunos
14 são do gênero feminino e 10 do gênero masculino, no curso de enfermagem 15 do
15 gênero feminino e 5 do gênero masculino, no curso de engenharia 100 alunos foram do
16 gênero masculino e 80 do gênero feminino, farmácia obteve 20 participantes do gênero
17 feminino e 5 do gênero masculino, e no curso de fisioterapia 60 alunos correspondem ao
18 gênero feminino e 15 alunos do gênero masculino. Nota-se um número maior de alunos
19 do gênero feminino nos cursos da área da saúde e, também, no curso de administração.
20 Já no curso de engenharia civil predominou alunos do gênero masculino.

21

22

23

24



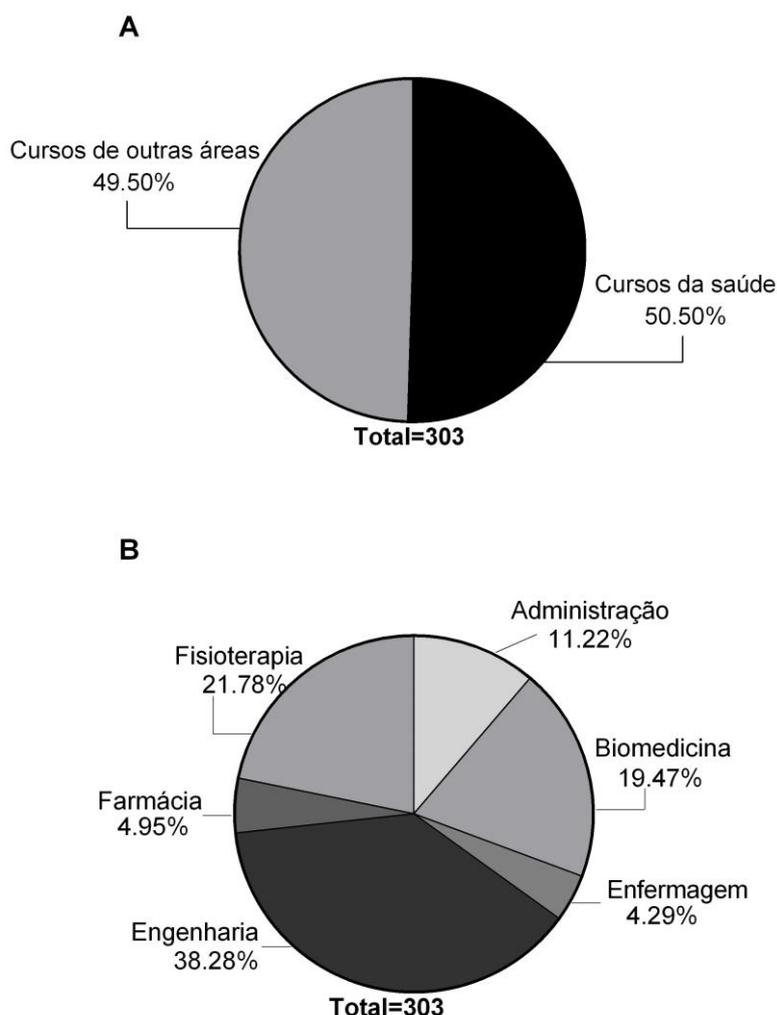
1 **Figura 2.** Distribuição de gênero entre os participantes de cada curso.

2 Em Barbacena-MG, Penna e colaboradores (2004) obtiveram resultados onde
 3 também prevaleceu o gênero feminino cerca de 83,7 % em cursos da área da saúde,
 4 enquanto que em outras áreas o gênero masculino foi mais presente com
 5 aproximadamente 56 % na área de exatas e 73,53 % e na área de humanas. O número de
 6 alunos egressos em universidades são em sua maioria do gênero feminino 57 %, como
 7 aponta levantamento realizado por Barreto (2014) quando fez essa comparação.

8 Em relação ao número de estudantes por área, na (Figura 3A) observa-se que
 9 50,50 % foram da área da saúde e 49,50 % de outras áreas. Esse resultado demonstra
 10 que a diferença no número de participantes foi de apenas 0,5% entres os cursos da área
 11 da saúde e os cursos de outras áreas. Sendo administração 11,22 %, biomedicina
 12 19,47%, enfermagem 4,29 %, engenharia 38,28 %, farmácia 4,95 % e fisioterapia
 13 21,78% (Figura 3B).

14

15



1

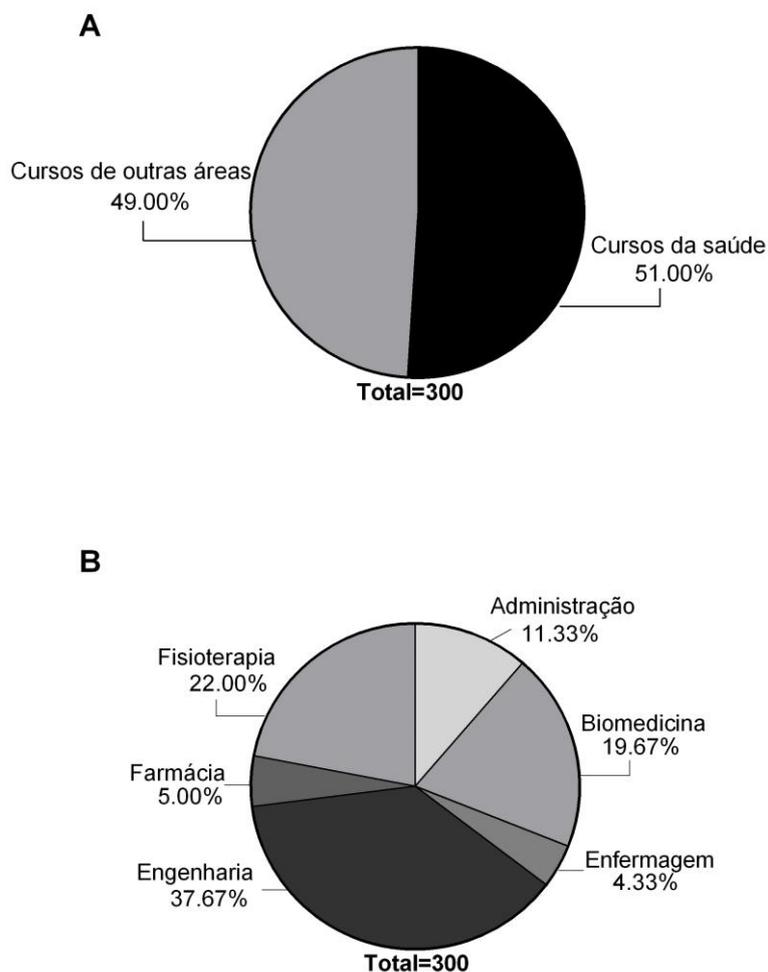
2 **Figura 3.** Estudantes participantes. A: Por área de formação; B: Por curso.

3

4 Quanto ao uso e compra de medicamentos sem receita médica (Figura 4A), dos
 5 303 alunos entrevistados 300 (99%) já usaram ou compraram medicamentos sem
 6 prescrição médica e 3 (1%) afirmam nunca ter usado ou comprado medicamentos sem
 7 receita médica (Dados não mostrados). Em estudo realizado por Alves e Malafaia
 8 (2014) demonstraram que 68,3 % dos universitários entrevistados por eles afirmaram
 9 também realizar essa prática. Tomasine e colaboradores (2016), também evidenciou
 10 em estudo que 87,4% dos seus entrevistados compraram e usaram medicamentos sem
 11 prescrição ou orientação médica.

12 Neste estudo verificou-se que 51 % dos alunos que afirmaram usar ou comprar
 13 medicamentos sem prescrição médica correspondem a estudantes de cursos da área da
 14 saúde e 49 % foram estudantes de cursos de outras áreas (Figura 4A). Na figura 4B, são

1 apresentados os resultados referentes aos alunos, em cada curso, que afirmaram usar ou
2 comprar medicamentos sem prescrição médica. Foram encontrados os seguintes
3 resultados: 11,33 % do curso de administração, 19,67 % do curso de biomedicina, 4,33
4 % do curso de enfermagem, 37,67 % do curso de engenharia, 5 % do curso de farmácia
5 e 22 % do curso de fisioterapia. Sendo o curso de Engenharia Civil com maior
6 proporção (37,67 %), seguido dos cursos de Fisioterapia (22 %) e Biomedicina (19,67
7 %). Montanari e colaboradores (2014) identificou maior prevalência da prática de
8 automedicação em alunos dos cursos da área da saúde.



9

10 **Figura 4.** Usou ou comprou medicamentos sem receita médica. A: por área; B:
11 Por curso.

12

13 Quanto à compra de medicamentos baseada em receitas antigas ou indicações de
14 outras pessoas (Figura 5), 250 dos 303 alunos entrevistados afirmaram realizar essa
15 prática, sendo 49,60 % realizada por alunos dos cursos da área da saúde e 50,40 % dos

1 alunos dos cursos de outras áreas (Figura 5A). A aquisição de medicamentos com base
2 em outros meios, que não seja a orientação de um profissional habilitado, foi maior
3 entre estudantes de outras áreas que não correspondem à saúde. Arruda e colaboradores
4 (2011) observou que em acadêmicos de uma universidade federal do estado do
5 Tocantins também houve uma alta incidência de aquisição de medicamentos baseados
6 em receitas antigas (56 %), sejam elas do próprio paciente (38 %), familiares e até
7 mesmo de vizinhos e amigos (20 %). Em outro estudo, constatou-se que 41% (n=82)
8 dos alunos participantes da pesquisa alegaram praticar automedicação por manterem
9 posse de medicamentos e antigas prescrições em casa, hábito de risco muito comum
10 entre famílias brasileiras (LOPES; 2017).

11 A intervenção e estímulo de amigos e familiares na automedicação é um costume
12 partilhado entre gerações em todo o mundo, e apesar de ser uma forma de cuidado, pode
13 gerar problemas, por esse motivo, deve ser evitado ao máximo (GAROFALO;
14 GIUSEPPE; ANGELILLO, 2014). Na Figura 5B, estão apresentados os resultados em
15 cada curso de formação superior, quanto à compra de medicamentos baseada em
16 receitas antigas ou indicações de outras pessoas, sendo que 12 % dos alunos
17 participantes do curso de administração, afirmaram realizar essa prática, 19,60 % do
18 curso de biomedicina, 4,80 % do curso de enfermagem, 38,40 % do curso de
19 engenharia, 6 % do curso de farmácia, 19,20 % do curso de fisioterapia.

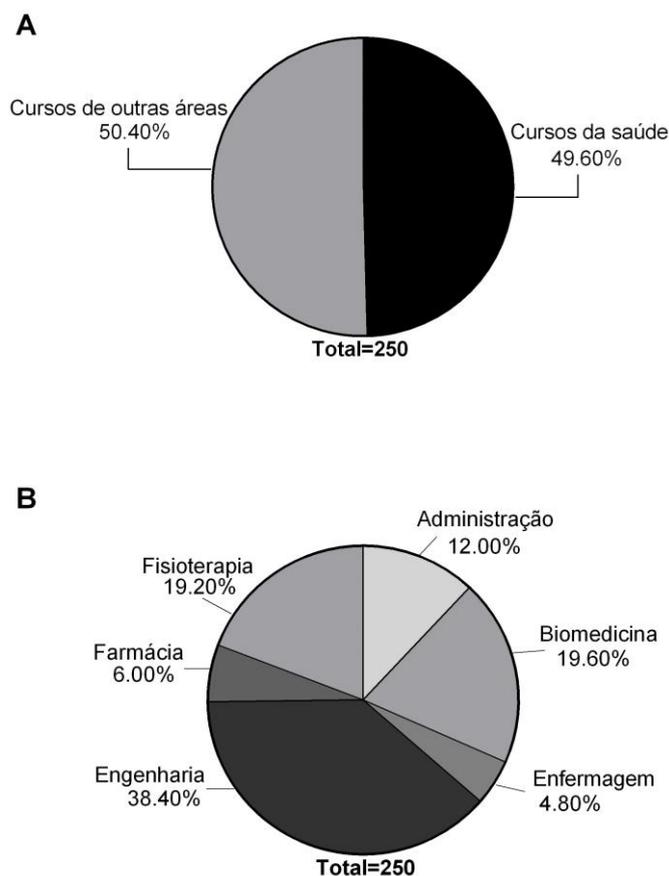


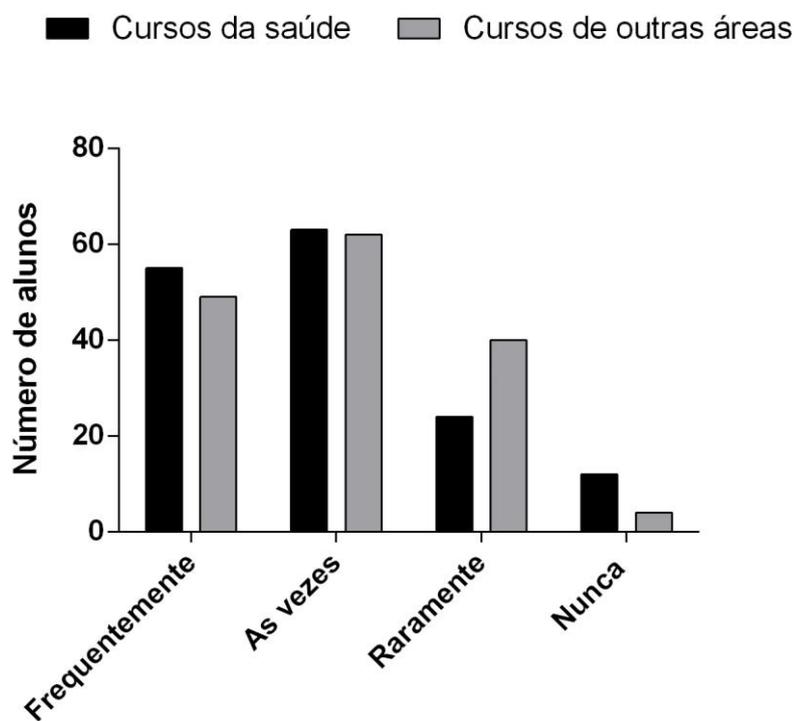
Figura 5. Comprou medicamentos com base em receita antiga ou indicação de conhecidos. A: por área; B: Por curso.

Quanto ao aconselhamento com o farmacêutico (Figura 6), aproximadamente 55 alunos dos cursos da área da saúde e aproximadamente 50 alunos de cursos de outras áreas se aconselharam com o farmacêutico frequentemente; aproximadamente 65 alunos dos cursos da área da saúde e aproximadamente 65 alunos dos cursos de outras áreas se aconselharam as vezes com o farmacêutico; aproximadamente 25 alunos dos cursos da área da saúde e aproximadamente 40 alunos dos cursos de outras áreas raramente se aconselham com o farmacêutico e 10 alunos dos cursos da área saúde e aproximadamente 5 alunos dos cursos de outras áreas afirmaram nunca terem consultado o farmacêutico para comprar medicamentos (Figura 6). GUEDES *et al.*, 2014 observou em seu estudo que 15 % dos alunos avaliados revelaram ter procurado um farmacêutico em busca de orientação e aconselhamento farmacoterapêutico.

Quando requisitado, o farmacêutico esclarece dúvidas recorrentes à medicação, como interações, contraindicação e esquemas terapêuticos, facilitando o entendimento do paciente sobre os benefícios e riscos associados a cada fármaco. A venda de

1 medicamento sem prescrição médica somente deveria ser executada sob a supervisão do
2 profissional farmacêutico, pois as informações disponibilizadas pelos mesmos têm
3 como objetivo promover o uso racional dos medicamentos. O conhecimento adquirido
4 ao longo do curso e sua atuação na dispensação dos medicamentos conferem ao
5 farmacêutico a chance de promover o uso consciente dos fármacos, além de reforçar o
6 seu papel no combate ao exercício da automedicação. A sua atuação deve ser baseada
7 levando em conta aspectos fisiológicos e patológicos do paciente para realizar a
8 dispensação (FERNANDES; CEBMBRANELLI, 2015).

9



10

11 **Figura 6:** Frequência com que busca aconselhamento com o farmacêutico.

12

13 Foram verificados os motivos que levaram os participantes a praticar
14 automedicação (Tabela 1). Nos seis cursos analisados, dor de cabeça foi reportada como
15 a principal causa da automedicação (79 %), seguida de gripes ou resfriados (72%) e
16 infecções/inflamações de garganta (66%). Segundo estudos realizados por Fontanella e
17 colaboradores (2013) a dor de cabeça foi o motivo pelo qual a maioria dos acadêmicos
18 entrevistados se automedicaram cerca de 33 %. Corroborando com esses achados, Iuras
19 e colaboradores (2016) também constataram que os medicamentos mais utilizados pelos
20 estudantes sem prescrição médica foram para tratar dor de cabeça (24 %), dor de

1 garganta (10 %), febre (9 %). Entretanto em Borges (2013) os medicamentos mais
 2 usados sem prescrições médicas pelos estudantes foram os anti-inflamatórios (41 %),
 3 sendo que as principais causas para a automedicação foram as dores (76,1 %) e
 4 resfriados (61,5 %).

5 Gama e colaboradores (2016) relatam em sua pesquisa que os principais
 6 problemas de saúde que levaram a prática da automedicação 85,5 % dos estudantes
 7 relatam dor, que incluem dores de cabeça, abdominais e cólicas e entre os demais
 8 percentuais estavam a febre 3,2 %, resfriado 3,2 % e infecções. No estudo de Martinez e
 9 colaboradores (2014), os autores encontraram que a frequência do uso de medicamentos
 10 para a dor é maior entre estudantes da área da saúde, mas a automedicação é praticada
 11 igualmente entre estudantes desta área e das demais. O fato dos acadêmicos se
 12 automedicarem para tratar sintomas/doenças como depressão é preocupante, cerca de 11
 13 % do total dos alunos pesquisados realizaram essa prática sem se consultar com um
 14 profissional de saúde qualificado para lhes prestar orientação e prescrição correta do
 15 medicamento.

16

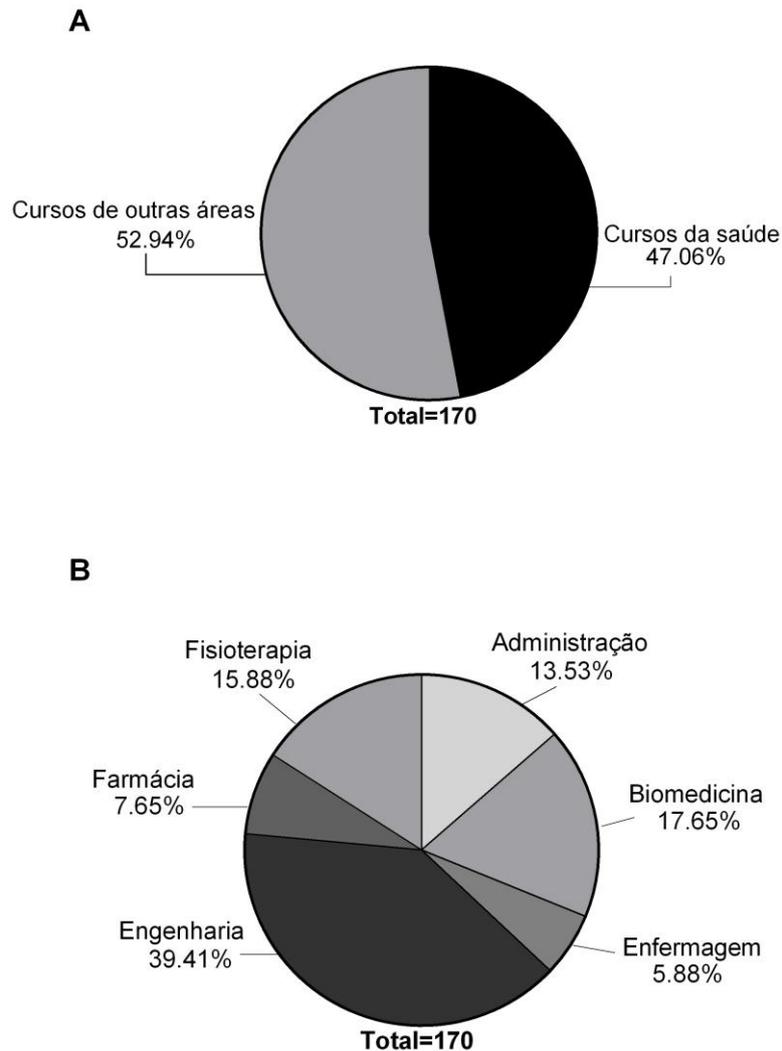
17 **Tabela 1.** Motivos que levaram os participantes a praticar automedicação. infl =
 18 inflamação; ans = ansiedade

Cursos	Dor de cabeça	Febre	Resfriado/gripe	Infecções/infl. de garganta	Refluxo/gastrite	Depressão/ans./insônia	Outros
Administração	79%	44%	64%	50%	17%	11%	5%
Biomedicina	81%	65%	79%	56%	22%	11%	5%
Enfermagem	69%	69%	84%	84%	23%	8%	8%
Engenharia	85%	64%	79%	64%	14%	11%	7%
Farmácia	80%	53%	60%	67%	53%	20%	0%
Fisioterapia	77%	46%	67%	73%	5%	4%	10%
Média	79%	57%	72%	66%	22%	11%	6%

19

20 A Figura 7A demonstra os resultados sobre a leitura da bula. Afirmaram ler e
 21 seguir as instruções da bula 47,06 % dos alunos dos cursos da área da saúde e 52,94 %
 22 dos alunos dos cursos de outras áreas. Dos quais 13,53 % do curso de administração;
 23 17,65 % do curso de biomedicina; 5,88 % do curso de enfermagem, 39,41 % do curso
 24 de engenharia, 7,65 % do curso de farmácia e 15,88 % do curso de fisioterapia
 25 afirmaram ler e seguir as instruções da bula (Figura 7B). Em estudo, Lopes (2017)

1 questionou aos alunos se buscam informações sobre os medicamentos ingeridos antes
2 de os utilizarem, 83 % respondeu sim. Os graduandos se informaram principalmente nas
3 bulas dos medicamentos (43,11 %).



4

5 **Figura 7.** Lê e segue a bula de medicamentos. A: Por área; B: Por curso.

6

7 Avaliando o conhecimento dos acadêmicos sobre os medicamentos usados na
8 automedicação, 62 % dos alunos afirmaram conhecer a posologia e o modo de usar, 54
9 % efeitos colaterais, 47 % princípio ativo, 44 % as contraindicações, 43 % o tempo de
10 tratamento, 21 % as possíveis interações medicamentosas (Tabela 2).

11 Quando comparado o conhecimento entre os alunos da área da saúde e de outras
12 áreas (Tabela 2), em média 49 % dos alunos da área da saúde apresentou ter maior
13 conhecimento sobre os medicamentos comparado aos alunos dos cursos de outras áreas

1 (média=33%). Os acadêmicos da área da saúde representam uma população
 2 diferenciada, pois tendem a ter mais conhecimento a cerca dos medicamentos
 3 (FONTANELLA; GALATO; REMOR, 2013).

4 Uma das hipóteses levantadas por Galato e colaboradores (2012) para a
 5 realização do seu trabalho era que possuir formação na área de saúde poderia influenciar
 6 na incidência da prática da automedicação devido o maior conhecimento dos
 7 medicamentos.

8
 9 **Tabela 2.** Conhecimento dos participantes sobre o medicamento utilizado como
 10 automedicação.

	PRINCÍPIO ATIVO	EFEITOS COLATERAIS	POSOLOGIA/MODO DE USAR	TEMPO DE TRATAMENTO	POSSÍVEIS INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS	CONTRAIN-DICAÇÃO
Administração	35%	49%	58%	14%	11%	35%
Biomedicina	54%	62%	62%	49%	44%	22%
Enfermagem	61%	38%	76%	54%	38%	69%
Engenharia	47%	56%	56%	37%	10%	51%
Farmácia	47%	60%	67%	47%	20%	40%
Fisioterapia	37%	60%	55%	54%	2%	48%
Média	47%	54%	62%	43%	21%	44%

Somatória das médias de conhecimento de cada área de formação

Área da Saúde	49%
Outras áreas	33%

11

12

13 **CONCLUSÃO**

14

15 Os resultados encontrados comprovam a importância do estudo da automedicação,
 16 pelo qual pode ser observado que essa prática é frequente entre os universitários, não
 17 estando limitada aos estudantes da saúde, devido ao maior conhecimento dos
 18 medicamentos, mas abrange todas as áreas, de modo que a automedicação está muito
 19 presente em alunos que não estudam em cursos da saúde.

20 O presente estudo destaca o quanto os universitários em geral estão adeptos a
 21 prática da automedicação. Este trabalho contribuiu para promover a discussão sobre o
 22 tema e dessa forma pode estimular a autorreflexão, entre os estudantes participantes.

1 Reforça- se ainda a importância em salientar aos alunos, especialmente àqueles de
2 cursos da saúde, sobre o uso correto e racional dos medicamentos e a automedicação
3 responsável para garantir a formação de profissionais preparados para educar a
4 população.

5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2
3 ALVES, T. A.; MALAFAIA, G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de
4 ensino superior de Goiás. **ABCS Health Sci.** 2014; 39 (3): 153-9.

5 ARRUDA, Evilanna et al. AUTOMEDICAÇÃO. Verificação em estudantes
6 universitários da Universidade Federal do Tocantins-UFT Araguaína. **Ensaio e**
7 **Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 15, n. 6, 2011.

8
9 BORGES, Felipe Silva Alves. A automedicação em estudantes universitários da
10 Faculdade de Ceilândia. **Universidade de Brasília.** 2014.

11 DE ALBUQUERQUE, Larissa Mayara Aristóteles et al. Avaliando a Automedicação
12 em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba
13 (UFPB). **Revista Medicina & Pesquisa**, v. 1, n. 1, 2015.

14 DOMINGUES F.H.P. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em
15 adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiol. Serv.**
16 **Saude, Brasília**, 26(2):319-330, abr-jun 2017.

17
18 FERNANDES, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. Automedicação e o uso irracional de
19 medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas.
20 **Revista Univap.** São José dos Campos, v. 21, n. 37, p. 5-12, jul.2015.

21
22 FONTANELLA, F. G.; GALATO, D.; REMOR, K. V. T. Perfil de automedicação em
23 universitários dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior do sul
24 do Brasil. **Rev. Bras. Farm.**, v. 94, n. 2, 2013, p. 154-160.

25
26 FORTES, C.R. Prevalência da automedicação por funcionários de uma construção
27 civil do Distrito Federal. **Rev. Saúde, santa Maria**, vol.41, n.2, p.203-210, 2015.

28
29 GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; BORGES PEREIRA, Greicy.
30 Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de
31 formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 12, 2012.

32

1 GAMA, O.B.G et. al. Automedicação entre acadêmicos de enfermagem em uma
2 instituição particular de ensino. **Revista Científica Interdisciplinar**. ISSN: 2358-
3 8411 Nº 2, volume 3, artigo nº 6, Abril/Junho 2016.
4

5 GAROFALO, Luca; GIUSEPPE, Gabriella di; ANGELILLO, Italo F.. Self-
6 Medication Practices among Parents in Italy. **Biomed Research International**, [s.l.],
7 v. 15, n. 1, p.1-8, dez. 2014.
8

9 GUEDES, Ronaldo Franco *et al.* O papel educativo do farmacêutico frente ao desafio
10 da implantação da rdc-20/20111: da automedicação ao consumo consciente de
11 antimicrobianos. **Revista eletrônica gestão & saúde**, [s.l.], v. 5, n. 2, p.436-458, jul.
12 2014.
13

14 IURAS, Anderson et al. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade
15 do Estado do Amazonas (Brasil). **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina**
16 **Dentária e Cirurgia Maxilofacial**, v. 57, n. 2, p. 104-111, 2016.

17 LOPES, Wemíria de Fátima Lima et al. A prática da automedicação entre estudantes
18 de uma instituição de ensino superior de Teresina-Pi. **Revista Interdisciplinar**, v. 7,
19 n. 1, p. 17-24, 2014.
20

21 MARTINEZ, J. E. et al. Estudo da automedica- ção para dor musculoesquelética entre
22 estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica
23 – São Paulo. **Rev. Bras. Reumatol.**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 90-94, 2014

24 MEDEIROS, Stephanie Barbosa de. Automedicação e guarda de medicamentos por
25 universitários das áreas de saúde e tecnologia. 2013. **Dissertação de Mestrado**.
26 Universidade Federal do Rio Grande do Norte

27 MONTANARI,M.C et al. Automedicação em acadêmicos de uma universidade
28 pública do sul de Minas Geral. **Tempus, actas de saúde colet**, Brasília, 8(4), 257-268,
29 2014.
30

1 PENNA, A. B. et al. Análise da Prática da Automedicação em Universitários do
2 Campus Magnus-Unipac–Barbacena, MG. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de**
3 **Extensão Universitária**. 2004. p. 12-15

4 RIOS, F. M et al. Perfil da automedicação dos alunos de uma escola técnica do Sul de
5 Minas Gerais. **Revista da universidade Vale do Rio Verde, Três corações**, v.11, n.2,
6 p. 420-431, ago./dez. 2014.

7

8 SANTOS, R. T et. al. Fatores determinantes da automedicação por idosos: Uma
9 revisão sistemática. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, 7 (esp):891-9, mar., 2013.

10

11 Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX). Instituto de
12 Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde. Disponível em:
13 <https://sinitox.icict.fiocruz.br/> Acessado em: 05 de junho de 2017.

14

15 SOUSA, S. P.; OLIVEIRA,O.C.; LEITE, I.H.L. Abordagem interdisciplinar de
16 educação em saúde: A prática de automedicação entre universitários. **Rev. Pesq.**
17 **Interdisciplinar**, v.1, ed.especial,106-113,2016..

18

19 TOMASINI, Alexandre Abujamra; FERRAES, Alide Marina Biehl; DOS SANTOS,
20 Joice Sifuentes. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários
21 no Norte do Paraná. **Biosaúde**, v. 17, n. 1, p. 1-12, 2016.

22

23 BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: Distribuição e
24 representatividade. **Cadernos do GEA, Rio de Janeiro**, v. 1, n. 6, p. 1-46, 2014.

25

26